

CONVERSANDO E APRENDENDO: TRABALHANDO A CRITICIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Catarina Albino de Lima ¹

Anderson Nicacio Medeiros Almeida ²

Fábio Marques de Souza ³

INTRODUÇÃO

O pedagogo Paulo Freire (1970;1997) defendia que a educação parte de um processo contínuo de discussões em grupo (diálogo). Tal afirmação pode ser trazida também para o âmbito profissional docente, uma vez que o professor se encontra em estado de constante aprendizado ao ensinar. Porém, para que haja uma sala de aula verdadeiramente democrática, é necessário aprender a escutar aos alunos, é o que defende Greene (1993). Ainda de acordo com a autora (1993), aprender depende de contexto. Os conteúdos abordados têm que estar conectados a situações sociais presentes no meio dos alunos. Esses argumentos são importantes de se ter em mente porque estão intrinsecamente ligados com a proposta deste trabalho.

Esta que é a de trazer reflexões sobre a prática de uma Sequência Didática aplicada em uma sala de aula de Língua Inglesa. Esta sequência foi pautada no uso do gênero textual do “comentário crítico”. Tendo isso em mente, é possível fazer uma ligação entre a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem baseado na criticidade. Iremos discutir sobre algumas dificuldades enfrentadas na execução da sequência didática e ainda, sobre a importância do contexto social, e do diálogo entre alunos e professores dentro da sala de aula.

Para que possamos refletir, faz-se necessário o embasamento em teorias para justificar e reforçar nossos pensamentos. Desse modo, usaremos como base algumas teorias de Paulo Freire (1997), Maxine Greene (1993), quando discutindo o pensamento crítico. Bakhtin (2011), para falar de gêneros textuais. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) quando tratarmos sobre a sequência didática. E os estudos de Diane Larsen-Freeman e Marti Anderson (2011) sobre dois métodos de aprendizagem e cada um dos seus autores serão mencionados quando se tratando de feedback e atividades lúdicas. A teoria Construtivista de Piaget também será discutida neste trabalho, porém, a partir dos estudos comparativos de Peggy A. Ertmer e Timothy J. Newby (2013).

Durante o estágio observamos a importância do diálogo dentro e fora da sala de aula. E pensamos que muitas vezes, esse diálogo entre aluno-professor, professor-aluno não recebe devido reconhecimento. Mas ele é a base para uma boa relação e pode gerar resultados muito positivos. Em vista disso, discutiremos sobre esses resultados depois de contextualizar o assunto, falando sobre a escola, horários, a sequência didática, método de ensino e teorias.

METODOLOGIA

¹ Graduanda do Curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - PB, catarina.albino99@gmail.com;

² Graduado pelo curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - PB, nicacio15@gmail.com.

³ Doutor em Educação (Universidade de São Paulo – USP), Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: fabiohispanista@gmail.com.

Durante um período de 3 (três) meses, fomos a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida (Escola Estadual da Prata), localizada na rua Duque de Caxias, nº 235, no bairro da Prata, em Campina Grande. Nela, passamos por um período de observação de turmas, até definir a turma e o horário em que iríamos ministrar as aulas. Iniciamos com a turma do 1º Ano ‘B’, do ensino médio, que continha 27 (vinte e sete) alunos.

Tínhamos que produzir uma sequência didática, ela, por sua vez, foi dividida em 10 aulas, ministradas em 5 dias diferentes, cada aula com 50 minutos de duração. A primeira aula aconteceu no dia 12 de junho de 2019 e a última no dia 15 de agosto do mesmo ano. Os horários das aulas variavam e assim, no dia 12/06, uma quarta-feira, foram duas aulas; uma de 14h10 às 15h00 e a outra de 15h20 às 16h10. Depois dessa aula, os alunos entraram em recesso escolar, de modo que a próxima aula somente veio acontecer no mês seguinte, dia 10/07. Desde então, as aulas aconteciam na quarta-feira às 7h30 até às 9h10. Esse foi o horário das aulas nos dias: 10/07, 17/07 e 31/07. Já a última aula se deu na quinta-feira dia 15/08, no mesmo horário.

Os objetivos específicos consistiam em discutir sobre problemas sociais e ambientais, trabalhar os assuntos gramaticais de “Present Simple” e “Present Continuous”, incentivar o trabalho em grupo e a prática das habilidades leitura, escrita, escuta e fala dos alunos. A prática das quatro habilidades se mostrou mais desafiadora do que o esperado, principalmente se quando se tratando da fala. Discutiremos sobre esse assunto no tópico de discussões.

A avaliação foi feita de modo formativo, onde o processo de aprendizado era o de maior relevância. O mais importante era que os alunos fizessem as atividades, participassem das aulas e/ ou demonstrassem interesse. Alunos que não faziam nada e faltavam muito, não tinham como tirar boas notas. A maioria das aulas tinham um momento de feedback sobre o que foi feito anteriormente, para que assim, os alunos pudessem corrigir seus erros e o professor também.

O método utilizado por nós variava entre tradicional, para aulas com foco gramatical, e construtivista para as demais aulas. Assim, na maior parte das aulas tentávamos ser apenas meros mediadores do aprendizado. Posteriormente discutiremos mais sobre o assunto.

DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, faz-se necessário explicar que a “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 97). A partir dessa definição e do processo que leva ao desenvolvimento de uma SD, que montamos uma. Esta tinha como base o gênero textual do Comentário Crítico. Nosso objetivo geral era o de incentivar o pensamento crítico acerca da sociedade e ajudar os alunos a desenvolver a habilidade de produzir comentários críticos acerca de assuntos relevantes do mundo. Paulo Freire (1970; 1975) defende que os alunos devem ser estimulados a pensar criticamente, buscar conhecimento, serem curiosos. Mas para ele, isso somente se torna possível quando os alunos estão ativamente engajados na ação de criticar a injustiça social. Por isso, buscamos estimulá-los a participar das atividades propostas e pensar sobre o que os cercava.

A sequência didática segue uma lógica, e todas as aulas estão conectadas umas com as outras, por isso, o ideal é que o horário de aulas seja fixo e não tenham tantos dias sem aula. Porém, esta não é a realidade. Como foi mencionado na seção anterior, o horário das aulas dos alunos mudava quinzenalmente ou mensalmente, e algumas vezes mudaram entre uma semana e outra. Os motivos eram diversos, em alguns dias aconteciam reuniões, ou faltava comida ou água e os alunos precisavam ser dispensados, outros tinham feriados ou eram declarados como pontos facultativos. Com isso, a sequência didática ficou atrasada. Essa quebra na SD,

prejudicou continuidade das aulas, uma vez que as aulas são interdependentes entre si, mas além disso, elas aconteceram de modo a ser explicado a seguir.

No dia 12/06 (quarta-feira, 14h10 às 16h10) foi iniciada a sequência didática, com a sondagem e produção inicial. Foi feita uma dinâmica de apresentação e tocamos a música “What a Wonderful World” de Luis Armstrong. Assim, pudemos apresentar o gênero textual comentário e sondar o que eles já conheciam com relação aos assuntos gramaticais de “Present Simple” e “Present Continuous”. A produção inicial foi feita com base na música e o que os alunos pensavam a respeito dela. A partir do gênero textual é que a investigação de um material linguístico vai se realizar, esses que podem interagir e participar de diversas situações comunicativas (BAKHTIN, 2011, p. 264). Assim, o poder comunicativo dos gêneros textuais está presente e é de extrema importância nas diversas áreas de ensino de línguas e, paralelamente, na sua interação escrita e oral, por isso são significativas no mundo todo.

A segunda aula somente veio a acontecer um mês depois, após um recesso de aulas para o São João, no dia 10/07. O horário da aula foi o de 7h30 às 9h20. Esta aula foi mais focada na gramática em si e nos aspectos necessários para a produção de um comentário crítico. Nela explicamos os assuntos gramaticais discutidos na aula anterior e também introduzimos as “Question Words” que podem ser usadas como base para se escrever um comentário. Passamos exercícios de fixação escritos e orais no restante da aula, além de dar um feedback sobre o que foi feito pelos alunos anteriormente. Aulas com base na criticidade de assuntos sociais podem ser remetidas a teorias de Paulo Freire, que defendia o incentivo do pensamento crítico através de “temas geradores”. Isto permeia a maioria das aulas da SD.

A aula seguinte aconteceu no dia 17/07 das 7h30 às 9h20. Esse era o dia em que íamos pedir para os alunos escreverem o que seriam as primeiras versões da Produção Final, em português primeiro. Aqui, discutimos com mais profundidade o comentário crítico e suas características. Com a ajuda de imagens discutimos diversos temas como “problemas trazidos pelas redes sociais”; “desarmamento/ armamento”; “desmatamento ambiental”; “superlotação de ônibus”; “vício em redes sociais”. E a partir disso, pedimos para que, em grupo, produzissem um comentário crítico a respeito desses temas.

Os alunos sempre pareciam cansados no início das aulas, por esse motivo, decidimos fazer uma dinâmica no dia 31/07 para acordá-los antes da aula. Depois de fazer isso, demos continuidade a aula, dando um “feedback” sobre o que eles produziram anteriormente e explicando como eles poderiam melhorar suas produções. Diante disso, eles tiveram tempo para traduzir suas produções de português para inglês com ajuda de dicionários e plataformas online.

A última aula foi a da culminância, no dia 15/08, em uma quinta-feira. O plano geral era montar “postagens de Instagram reais” e fazer o feedback sobre as aulas com a turma. Assim, a aula foi bem prática e dinâmica. Os alunos se juntaram em grupos e fizeram o uso de papéis, cola e tesoura para montar uma espécie de postagem do Instagram nas folhas ofício. Nela, eles iriam adicionar seus comentários concluídos e revisados na sessão de comentário das “postagens”. Feito isso, os alunos deram o seu feedback sobre as aulas, anotando em papéis e colando na cartolina o que acharam.

Assim, se encerrou a sequência didática. Porém, posteriormente, sem a ajuda dos alunos, montamos um mural em forma de varal em um dos corredores da escola para expor o trabalho deles. Podemos notar a partir dessas aulas a presença constante do diálogo, e do incentivo ao pensamento crítico, que são aspectos da prática defendidos por Paulo Freire e Maxine Greene. Vimos também a existência de feedbacks e de momentos lúdicos, que são aspectos discutidos por Gattegno e Lozanov no livro *Techniques & Principles in Teaching Language* de Lauren-

Freeman e Anderson. Também podemos perceber o uso do método cognitivista de Piaget. Todos eles serão discutidos mais a fundo e desenvolvidos na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como previamente mencionado, é possível observar que durante as aulas tentamos manter um diálogo com os alunos, sempre buscando ouvir o que eles tinham a dizer. Houveram momentos de aulas expositivas, em que o professor falava majoritariamente, mas no geral, sempre queremos ouvir opiniões, feedbacks, o que os alunos estavam entendendo ou não. E pedimos para que eles se pronunciassem com relação a determinados assuntos. Inclusive, toda a sequência didática foi baseada nisso, na opinião dos alunos. Uma vez que, para escrever um comentário crítico, se faz necessário ter um pensamento crítico. Só poderíamos saber que isso estava sendo passado ao dialogar com os estudantes. Paulo freire (1997) defende que

“É importante vivermos a experiência equilibrada, harmoniosa, entre falar ao educando e falar com ele”. Quer dizer, há momentos em que a professora, enquanto autoridade, fala ao educando, diz o que deve ser feito, estabelece limites sem os quais a própria liberdade do educando se perde na licenciabilidade, mas estes momentos, de acordo com a opção política da educadora, se alternam com outros em que a educadora fala com o educando.(FREIRE, 1997. p.58)

Desse modo, percebe-se que na sala de aula há momento para conversar com o educando, não somente falar e despejar conteúdo. Inclusive, com relação ao conteúdo, em algumas das aulas demos “temas geradores” para os alunos. Assim, eles podiam problematizá-los e usar de sua própria experiência para debatê-los, essa é a forma sugerida por Paulo Freire de incentivar a educação crítica. Todos os temas estavam relacionados a problemas sociais do dia a dia dos alunos.

Inclusive, o uso da experiência como base para a criação do conhecimento, parte da teoria construtivista de Piaget. Para ele, o conhecimento está conectado ao contexto dos alunos e as experiências que os alunos trazem ao contexto. (ERTMER, NEWBY, 2013). Além disso, nessa teoria, que foi usada como um dos métodos de ensino nesta SD, o aluno é participante ativo do processo de ensino-aprendizagem. Ele então interpreta e elabora novas ideias a partir das informações dadas pelo professor. Nós, os professores, temos que ajudá-los a chegarem em conclusões e pensarem de forma mais crítica. Somente somos monitores do aprendizado deles, pois eles já têm conhecimento prévio a partir de suas experiências passadas.

Greene também defende que “a mente humana nos fornece ferramentas poderosas para entendermos a nós mesmos e aos outros” e ela encoraja os alunos a conectar o pensamento crítico a criatividade, para que assim, possam entender melhor as mentes e as vidas das pessoas. Ao fazê-lo podemos observar o mundo de diferentes perspectivas e conquistar uma verdadeira democracia. Com base nesta ideia, incentivamos a criatividade dos alunos nas suas produções e principalmente na produção final. Esta que, mesmo tendo um modelo a seguir eles podiam utilizar de diversas ferramentas diferentes para inovar e serem criativos na criação da “postagem de Instagram real”.

O feedback, por sua vez, também se mostra de extrema importância. Sem ele o professor e os alunos podem ficar perdidos. Em muitos momentos nos perguntamos se o que estávamos fazendo funcionava, se estávamos sendo rígidos demais ou se os alunos entendiam o que tentávamos repassar. Muitas dúvidas surgiram e essas só podiam ser respondidas com feedback. De acordo com Diane Larsen-Freeman e Marti Anderson (2011, p.93), Caleb Gattegno, criador

do método “The Silent Way”, acredita que o feedback possibilita que os professores consigam informações valiosas, podendo assim, utilizá-las em aulas futuras, para melhorá-las e ajudar mais os alunos.

Os momentos lúdicos, permitidos a partir de dinâmicas e o uso da música, ajudam os alunos a relaxarem, ficarem mais atentos. É o que defendem Larsen-Freeman e Anderson (2011, p.110-111), ao falar do método “(Des)Suggestopedia” criado por Georgi Lozanov, educador que frisava a importância de fazer com que os alunos estivessem confortáveis dentro da sala de aula, para que assim, aprendessem

Todos esses pontos trazem uma visão positiva sobre o que ocorreu na prática da Sequência Didática. E no geral foi uma experiência positiva. Os alunos foram receptivos, prestavam atenção e faziam silêncio nos momentos de explicação. Alguns alunos eram mais tímidos e não se destacavam nas aulas, mas era possível observar quando eles se esforçavam nas atividades. Outros alunos se faziam presentes, falavam, sempre participavam das discussões. E tinham alguns alunos que não tinham interesse em nada que havia sido proposto. Porém, além dos pontos positivos, tiveram alguns pontos negativos. A constante mudança de horário, por exemplo, além de quebrarem a continuidade das aulas, ameaçavam o cumprimento da sequência didática. Uma vez que os nossos horários disponíveis para as aulas nem sempre eram compatíveis aos atribuídos para os alunos. Felizmente, a universidade entrou em um recesso, que nos permitiu concluir a SD antes da volta das aulas.

Uma dificuldade que não foi completamente superada foi a de fazer o uso das quatro habilidades da língua. Era mais fácil focar na escrita e na leitura; em momentos na escuta, mas a prática da oralidade foi quase inexistente. Isto ainda é um tópico que pode gerar muita discussão e ainda não chegamos a um consenso de como fazer maior uso da oralidade, em salas de aulas regulares.

Com relação ao planejamento, a parte mais difícil foi criar aulas que tivessem algum significado, que estivessem inseridas em contextos relevantes para os alunos e estivessem todas conectadas entre si. Não havíamos tido muita instrução sobre como fazer uma boa sequência didática e isso nos obrigou a ser mais autônomos, nos fazendo ir em busca da resposta. O que, no fim, pode ser visto como algo positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, é interessante apontar que, durante um período de um ano tivemos nossas primeiras experiências em sala de aula e junto com elas, desafios e dúvidas, mas momentos e reflexões muito positivas.

Ao fazer o uso do gênero textual do comentário crítico na Sequência Didática, pudemos incentivar o pensamento crítico, não somente dos alunos, mas também o nosso. Do mesmo modo em que os alunos são motivados a participar das aulas, pensar na sociedade, no contexto em que estão inseridos e no que fazer para mudar, podemos trazer a mesma motivação para nossa realidade como professores. Temos sempre que pensar nos alunos e arranjar novas maneiras de superar as dificuldades, mas nem sempre temos plena consciência do que estamos fazendo certo ou errado. Por isso a importância da reflexão sobre a prática e do processo de ensino aprendizagem, do diálogo e do feedback. É importante também levar em conta que, assim como os alunos estão cansados às 7h da manhã, nós também ficamos cansados e as atividades lúdicas e o uso da música em sala de aula podem também nos ajudar a relaxar e nos deixar mais atentos.

A prática pode ou não estar distante da teoria, mas a verdade é que sem a prática é difícil percebermos qual a nossa identidade como professores. É a partir da análise de teorias e diálogos sobre o processo de ensino-aprendizagem e da prática que podemos nos construir como professores. Tal processo de criação de identidade é tanto individual como coletivo e, como sugere Marcelo Garcia (2010), depende da prática. A reflexão desta, por sua vez, ajuda o professor a aprender com seus erros e acertos e na sua construção de identidade. Outros elementos que contribuem nessa reflexão, são as de Feedback, que como vimos, são benéficas tanto para o professor, quanto para o aluno; diálogo e pensamento crítico, que nos ajudam a pensar com mais profundidade do que é relevante na prática.

Foi a partir dessas reflexões que pudemos identificar um dos métodos de aquisição linguagem que nos identificamos, o método construtivista. A partir dos ideais dele, da análise de outras teorias e da experiência, notamos a importância do contexto para todo o processo de ensino aprendizagem.

Faz-se necessário, porém, o desenvolvimento de mais pesquisas envolvendo o diálogo e a criticidade dentro da sala de aula, principalmente nas de inglês. Como fazer os alunos pensarem criticamente e compartilharem suas opiniões sobre diversos assuntos usando a língua inglesa em escolas regulares? Tivemos dificuldades em encontrar pesquisas que focavam no diálogo e no pensamento crítico em escolas públicas e regulares focando no ensino de inglês, especificamente. Geralmente, essas ideias estão muito relacionadas ao ensino de português, mas o que impede que tragam tais ideias para o ensino do inglês? Faz-se importante levar esses questionamentos e reflexões em consideração, quando se tratando de pesquisas futuras.

Palavras-chave: Diálogo, Reflexões, Pensamento Crítico, Sequência Didática.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 476p. p.264
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. 239p. p. 83-85
- ERTMER, Peggy A.; NEWBY, Timothy J. *Behaviorism, Cognitivism, Constructivism: Comparing Critical Features from an Instructional Design Perspective*. Performance Improvement Quarterly, 6(4), 1993, pp.54-59
- FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997. p. 58-60
- GARCIA, M. *O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência*. In: Formação Docente, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010. p.19
- GREENE, M. *Reflections on post-modernism and education*. Educational Policy, 7(2), jun. 1993, pp.106-111.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; ANDERSON, Marti. *Techniques & Principles in Language Teaching*. 3. Ed. Oxford University Press, 2011. p.93; 110-111.